



OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A HISTÓRIA DA MEDICINA E DA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA.

Karolina Dias da Cunha
Mestranda em História – UFES

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo a apresentação de uma análise da bibliografia produzida no Brasil sobre a história da medicina e da Saúde Pública brasileira, enquanto objetos de estudos de pesquisadores, médicos e historiadores. Dessa forma, analisaremos o fazer da história da medicina brasileira e da saúde pública em três momentos diferenciados. Num primeiro momento, apresentaremos os trabalhos dos "médicos-historiadores", que tinham como alvo estabelecer uma visão enobrecedora e triunfante da medicina acadêmica. Focando assim, na instituição de uma medicina acadêmica forte que ocupava um lugar privilegiado quando comparada a outros campos científicos. Um segundo período, principiado na década de 1970, foi marcado pela influência dos pesquisadores brasileiros "foucalutianos". E por fim, a partir da década de 1990, as abordagens que questionam o prestígio da medicina acadêmica.

Palavras chaves: História da medicina; Saúde pública brasileira;

RESUME: Ce document vise à présenter une analyse de la littérature produite au Brésil sur l'histoire de la médecine et de la santé publique brésilienne, comme des objets de chercheurs de l'étude, les médecins et les historiens. Ainsi, nous chercherons à faire l'histoire de la médecine et de la santé publique brésilienne en trois moments différents. Dans un premier temps, nous présentons le travail de "medical-historiens" qui visaient établir une vision édifiante et triomphant de la médecine universitaire. Mise au point de sorte à établir une forte médecine universitaire qui a occupé une place privilégiée par rapport à d'autres domaines scientifiques. Une deuxième période, sur des principes dans les années 1970, a été marquée par l'influence de chercheurs brésiliens "de foucalutianos". Enfin, à partir des années 1990, les approches à cette question le prestige de la médecine universitaire.

Mots clés: Histoire de la médecine; La santé publique brésilienne;

Os "médicos-historiadores" e suas produções históricas

A prática de uma História das doenças, da Saúde Pública, da Medicina e também das diversas práticas de cura, muito deve à multiplicidade de métodos e abordagens apanhadas pelo diálogo da História com outras disciplinas, tais como a Antropologia, Filosofia e a Sociologia. Para Ribeiro

Foi a partir da expansão do campo das indagações do passado, proporcionada pela interdisciplinaridade e pela utilização de fontes, até então esquecidas, questões relativas ao corpo, às doenças e às curas vêm despertando interesse cada vez maior entre os estudiosos da história. (1997, p. 15)

Dessa forma, analisaremos o fazer da história da medicina brasileira, da história das doenças, das práticas de cura e da saúde pública em três momentos diferenciados. Num primeiro momento, os olhares para este tema, eram comuns os trabalhos que tinham como objetivo estabelecer uma visão enobrecedora e triunfante da medicina, vista como um saber que se desenvolvia progressivamente e tratando a classe médica como uma elite heróica na vanguarda da luta contra as doenças que atingiam a população brasileira. Esses textos foram produzidos quase que exclusivamente por médicos e ofereciam uma narrativa descritiva e esquemática que conduzia inexoravelmente à celebração dos avanços da medicina moderna. Como exemplo dessa forma de trabalho podemos recorrer à obra de Nava, pois considera que "para traçar a história da medicina de qualquer coletividade, é necessário um conhecimento acurado das fontes, admitidas como indispensáveis"(2004:219).

O autor também considera fontes como documentos clássicos que descreviam o clima, a fauna e a flora brasileira e as mais importantes são os conhecimentos da medicina do tempo, pela leitura de documentos e sua comparação com os da medicina clássica, têm sua importância apenas por serem informativo. Assim ele considera que é impossível dizer quando começou a medicina na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, por falta de documentos indicativos. Por fim, em seu trabalho Nava, buscou levantar questões significativas ao questionar sobre qual seria a medicina brasileira de seu tempo? Seria dos índios? O que falar das práticas

de curas diferentes das conhecidas e trazidas pelos portugueses às terras brasileiras.

Outro trabalho que apresenta uma abordagem enobrecedora da medicina brasileira é do pesquisador Trindade(2013). O livro propõe a lembrança de alguns dos nomes que possibilitaram avanços científicos e humanitários, de fatos e feitos que marcaram o desenvolvimento do país. O interesse da obra está em dar visibilidade aos primórdios da pesquisa médica no Brasil e os tempos de formação das primeiras Escolas Médico Cirúrgicas do país.

Ademais, em relação a este primeiro momento da prática de uma história da medicina. Edler, os chamou de estudos pioneiros:

Os estudos pioneiros sobre a medicina oitocentista foram escritos quase exclusivamente por médicos voltados para o passado de sua profissão com a perspectiva de estabelecer uma certa memória que conduzia inexoravelmente à celebração da medicina vigente. (1998, p. 170)

Dessa maneira, houve a construção de uma história puramente intelectual da medicina brasileira dos setecentos até os oitocentos, o que para Edler, conduziu a literatura pioneira a dedicar-se aos aspectos mais palpáveis de nossa vida médica e as instituições médicas foram, deste modo, seu posto de observação prioritário.

Por fim, Marques observou que "as histórias da medicina colonial têm sido escritas principalmente por médicos e analisadas pelo olhar que vê por dentro a prática de seus pares"(1999:27).

Por isso considerou que foram incomuns os trabalhos históricos que neste primeiro momento observaram as relações entre médicos e os demais agentes de cura, muitos destes trabalhos foram construídos a partir da observação dos documentos oficiais que atendiam ao formato da administração metropolitana no Brasil. Marques nos elucida sobre a constituição de uma medicina brasileira nos setecentos sob a ótica de um outro ponto de partida, o de que o avanço das demais artes de cura esteve intrinsecamente ligado às diferentes raízes culturais das populações aqui residentes. Dessa forma, ponderou em sua pesquisa, que não foi um reduzido número de médicos metropolitanos que estimulou ou proporcionou o desenvolvimento dessas práticas de cura, não era a falta de médicos formados que possibilitava a atuação de curadores consideramos ilegítimos. Para a pesquisadora,

as tradições culturais refletidas na arte de curar dos negros e indígenas abriram espaço para que se disseminassem seus próprios curadores e terapêuticas. Assim, notamos que diferentemente de Nava e os demais pesquisadores que narraram a história de um grande triunfo da medicina acadêmica, Marques parte de uma corrente historiográfica que a partir dos anos de 1990 começou a construir abordagens que buscavam relativizar e questionar o prestígio da medicina acadêmica do século XIX.

Ainda segundo Nava, em todo o Brasil oitocentista os bruxos, os padres, os fazendeiros, e chefes de família que exerciam sua medicina amadorística utilizavam de uma vasta coleção de literatura de medicina erudita e completa:

Foi certamente, a junção da medicina popular portuguesa, medicina indígena, medicina dos religiosos e feitiçaria que entraram em sincretismo e incorporou o que ficou até hoje como nossa medicina popular, esta constituída tanto de experiência coletiva, como de ensinamentos advindos de livros destinados a fazer leigos suprirem bem ou mal a escassez ou a ausência dos médicos (...) O curioso que destes livros da medicina erudita posta ao alcance do leigo e de sua mistura aos manuscritos terapêutica doméstica que passavam de família em família, como receitas de doce, derivou uma literatura de feitiçaria, litomancia, astrologia das mais curiosas que se espalharam pelo Brasil(...) (2004, p. 227)

A história da medicina pelo olhar dos "foucaultianos"

Foucault (2004) em *O nascimento da clínica* pesquisou a produção do conhecimento da medicina e seus caminhos no século XIX. E muito influenciou os pesquisadores brasileiros, que a partir da década de 1970 produziram seus trabalhos inspirados nas obras de Foucault, principalmente utilizando a visão de que a medicina acadêmica seria um instrumento utilizado de forma privilegiada pelo Estado para a disciplinarização e domínio das populações urbanas brasileiras desde o período Imperial, passando a ganhar mais fôlego com a implantação do regime republicano. Nestas abordagens dos "foucaultianos" a classe médica teria desenvolvido um projeto de medicalização da sociedade que colocaria todos os seus setores em uma posição de subordinação ao seu saber, ao mesmo tempo em que ofereceria suporte ideológico para a construção de um aparelho estatal repressor e coercitivo. O livro *Danação da Norma*, de Roberto Machado e colaboradores (1978), pode ser considerado como uma das obras pioneiras neste tipo de abordagem.

Em relação a obra de Machado, Edler (1998) completa:

O livro de Machado dedicou-se à desvendar a gênese das instituições psiquiátricas na sociedade capitalista brasileira. O seu conceito de medicalização da sociedade permitiu-lhe descrever as relações entre os saberes médicos e as práticas políticas da sociedade inclusiva não como uma justaposição ou exterioridade, mas como imanência. Destacou-se, assim, o papel jogado pela medicina na disciplinarização da população urbana do Império. Através de um conjunto de teorias, políticas e práticas que se aplicavam à saúde e bem-estar da população, apreendido pelo conceito de polícia médica. Machado analisou um tipo apoio científico que teria sido indispensável não só à constituição de uma ordem prévia ao desenvolvimento do capitalismo, como ao exercício de poder do Estado. (1998, p. 174)

Através da primazia das questões higiênicas, ordenadas a partir do século XIX, inauguraram todo um conjunto de tecnologias de controle e disciplina do corpo. As políticas de assistência à saúde organizadas pelas instituições higiênicas que em sua maioria foram instituídas a partir do século XIX, vão atuar desenvolvendo as regras sociais de prevenção de doenças, medidas de controle, desenvolvimento de uma prática clínica e preocupação com a prevenção das doenças.

Em relação à chegada da dinastia de Bragança ao Brasil, para os "foucaultianos" o período joanino (1808-1821) marcaria o início da trajetória de normalização médica da família patriarcal, operando em estreita correspondência com o desenvolvimento urbano e a construção do Estado nacional. Já para os "médicos-historiadores" foi um período louvável e até mesmo digno de glorioso, pois para eles foi dada a oportunidade da nação desenvolver cientificamente uma medicina oficial, acadêmica e forte.

Uma construção de uma identidade médica, associada a uma figura santificada do médico ideal como um homem de princípios elevados se desenvolveu mais intensamente no Brasil do século XIX, também estava sendo aprofundada em toda a Europa neste período relatou Porter (2004). "através de um interrogatório minucioso, o médico determinava os sintomas (anotando o histórico do paciente), determinava a natureza da doença, estruturava um diagnóstico e formulava regime de tratamento."(2004:53)

Assim, Porter comentou que "a medicina foi capaz de compreender as doenças de que as pessoas morriam, mas não conseguia impedi-las de morrer"(2004:57).

Dessa forma, o alvo privilegiado da intervenção médica tornou-se cada vez mais, o corpo individual. Porter enfatizou

Em parte para aplacar o pavor de doenças que raríssimas vezes conseguiam curar, o tratamento médico primário do século XIX agarrou-se a práticas públicas tranquilizadoras familiares. O paciente particular pagante mandava chamar o médico de sua escolha e as relações entre os pacientes e os médicos de família eram pessoais e regidas pelo rígido protocolo do comportamento cavalheiresco. (2004, p. 54)

E tanto para Porter, quanto para o pensamento de Foucault foi justamente neste momento, em que o poder médico cresceu exponencialmente.

A história da saúde dialogando com outros campos históricos

A partir da década de 1990, começaram a ser produzidas abordagens que procuravam relativizar e questionar o prestígio da medicina acadêmica na sociedade durante o percurso de construção de um Estado Nacional no Brasil, explorando as tensões produzidas entre os representantes do saber médico e os agentes do poder público no processo de construção de uma política de saúde. Questionaram também o prestígio da classe médica junto a uma população brasileira que se encontrava em contato com uma série de práticas diferenciadas de cura, que poderiam ser acionadas em caso de adoecimento, em detrimento da medicina oficial. Como exemplos, mencionamos a abordagem de Beltrão (2000) sobre as diversas práticas de cura que ocorriam no Grão-Pará durante a epidemia do cólera no século XIX. E a pesquisa de Figueiredo (2008) estudando a arte de curar no Brasil no século XIX, a presença de curandeiros, rezadores, conhecedores de ervas e raízes, praticantes de simpatias, conselheiros, parteiras e barbeiros, todos estes se mobilizavam para a cura de doenças. Tão forte é a atuação e a tradição de muitas práticas, que, conforme narra a pesquisadora Figueiredo, elas invadem a própria intervenção médica sobre o corpo doente, como puderam constatar viajantes, escandalizados ao observar muitas recomendações médicas de rezas e feitiços. Dessa forma, o caminho escolhido por pesquisadora para dar conta de estudar a atuação das diferentes formas de curar, não é a análise das relações de poder, mas sim de descobri-las e problematizá-las no plano das próprias práticas enraizadas na sociedade e na cultura da época.

Pensar a medicina num horizonte mais amplo se tornou o objetivo destes trabalhos produzidos no final do século XX. Ribeiro (1997) buscou enfatizar as sensibilidades, o imaginário e todos os elementos normalmente inseridos no campo da história das mentalidades. E ao longo de sua obra estabelece os motivos que conduziram à

formação do que chama de um saber médico peculiar à Colônia brasileira, identificando que fatores como a precariedade da vida material e a raridade de médicos, deixaram um amplo espaço para as práticas de cura de homens e mulheres que detinham conhecimentos de ervas, raízes e outros ingredientes naturais. Também para a autora, uma arte médica multifacetada e afeita ao universo da magia foi desenvolvida a Colônia brasileira, a ideia de que houve um processo de trocas culturais está presente em seu trabalho, ao afirmar sobre uma aproximação entre a medicina erudita e o saber popular, por conta da dependência que os indivíduos teriam em relação aos fenômenos da natureza e do sobrenatural. Porém, ela relata que mesmo com o predomínio da concepção de um mundo regido por forças mágicas, arraigada e, todos os níveis de sociedade, os poderes ligados à Igreja e à medicina oficial empreenderam severas repressões às crenças e ações consideradas supersticiosas.

Ademais, outra pesquisa que podemos identificar enquanto participante da seara de produção de uma história de medicina engajada em observar mentalidades e caminhar a história da saúde na perspectiva do diálogo com outros campos historiográficos. Vem através do trabalho de Marques (1999), ao afirmar que é possível identificar nos meandros dos documentos oficiais e naqueles não oficiais a presença de outros atores. Assim seu texto surge com a perspectiva de que o florescimento das demais artes de cura esteve intrinsecamente ligado à diferentes raízes culturais das populações residentes no Brasil setecentista. Diferentemente do que afirmou Ribeiro, ela garante que não foi o reduzido número de médicos metropolitanos que estimulou e deu espaço para o desenvolvimento destas práticas. "Não era a falta de médicos formados que possibilitava a atuação de curadores considerados ilegítimos." (1999:28).

Dessa forma, Marques considerou que o procedimento histórico de vangloriar a prática médica lusitana, contribuiu para manter relegados e esquecidos saberes que são constituintes de áreas do conhecimento médico. Para a pesquisadora:

Os boticários valiam-se de todos os recursos, lançando mão da rica flora existente no país e para utilizá-la, recorriam aos conhecimentos de todos aqueles que se dedicavam ao ofício de curar. Dos mezinheiros aos pajés, passando por formulações desenvolvidas pelos jesuítas, todos os medicamentos tentavam dar conta de aliviar os males que atingiam os habitantes da Colônia brasileira. Assim os remédios teriam sido, em última instância, resultantes da aproximação das culturas presentes no Brasil.

(1999, p. 29)

Por fim, podemos completar que a partir de 1990 surge uma nova prática de se fazer a história da saúde, da medicina e das curas. Se as obras consideradas pioneiras, estavam preocupadas em estabelecer a figura do médico enquanto o único capaz de proporcionar cura às pessoas doentes e a pesquisar fórmulas para curar. As produções historiográficas dos anos 90 que criaram diálogo com outros campos do saber, provocaram um questionamento sobre o que de fato poderia curar as pessoas no Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX. Quem eram os que buscavam realizar estas curas, bem como, quais saberes estavam envolvidos na arte de curar?

Portanto, a busca por uma história da medicina que visualizasse os saberes dos quais o homem pôde utilizar-se para a cura de determinadas doenças e para o desenvolvimento da própria ciência médica foi o alvo traçado pela historiografia da saúde brasileira a partir dos anos 90. Assim, os saberes que foram dos pajés, conhecedores de ervas, de mulheres consideradas bruxas ou feiticeiras e a trajetória de médicos e boticários, passaram a ter muita ênfase nas narrativas produzidas sobre da história da medicina e da Saúde Pública no Brasil.

Referências

BELTRAO, Jane Felipe. **A arte de curar dos profissionais de saúde popular em tempo de cólera: Grão- Pará do século XIX**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos. Vol. 6. [set/2000]; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

EDLER, Flávio. **A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico**. IN: Asclépio. V. L-2, 1998. P.170-174

FIGUEIREDO, Betânia G. **A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. [2.ed.]. - Brasília, DF: CAPES; Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2008.

MACHADO, Roberto. et al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARQUES, V. **Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil**

setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. P.28.

NAVA, Pedro. **Capítulos de História da Medicina no Brasil** [1949]. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

PORTER, Roy. **Das tripas coração - Uma breve história da medicina**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RIBEIRO, Márcia M. **A ciência dos trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TRINDADE, Diamantino F. **Médicos e Heróis: os caminhos da medicina brasileira desde a chegada da Família Real até as primeiras décadas da República**/ Diamantino Fernandes Trindade; colaboradores: Ana Paula Pires Trindade, Érico Vital Brazil. - 1ª ed. - São Paulo: Ícone, 2013.